

O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS: GRATIS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSAS.

Anno I.

Fortaleza — Sexta-feira, 7 de Setembro de 1877.

N. 12

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 7 DE SETEMBRO DE 1877.

Sexta de Setembro.

Um grande dia anniversario da independencia nacional desaponta no horizonte.

Esse sol, que, nascendo, é cinco vezes tem relado banho, ilumina a um povo generoso, sahe hoje para servir de luto funeraria ao grande esquife da fome que devora as entradas de cinco provincias.

Abandonadas por Cesar e seu governo sacciado de aviltamento, procuram encobrir o lamento das victimas com o estrondo banal das fortalezas, e os echos laudatívos da imprensa mercenaria.

O grande edificio levantado á caridade por José Clemente Pereira ao lado do throno, justifica hoje a providencia prophética do grande cidadão.

Eregindo um monumento á misericordia universal para os famintos d'este paiz, apenas formado, foi o olhar de Galileu mergulhado no espaço, vendo no norte estorcer-se um grande cadaver nas convulsões da fome, denunciando a mentira constitucional que garantia—os soccorros publicos.

Embalde bradamos em tempo por providencias salvadoras.

O rei a duas mil leguas de distancia encobria nossos lamentos no estreito dos festins; o ministro da fazenda nos chamava exigentes; e o do Imperio dizia ao parlamento que não havia secca!

Ave Cesar! Reinaes com effeito sobre um povo ditoso!

O Ceará tambem saúda a ventura de vosso reinado.

Correi o cortinado que pondes na frente para não verdes-nos, e reparae este cortejo sublime:

Lavras vos envia dez cadáveres,
Saboeiro quatro,

Jardim um,

Assaré dois,

Arraial dois,

Baturité um,

Telha tres,

Limoeiro dois,

S. Matheus tres,

Campo Grande um.

Todos mortos literalmente de FOME, devidamente comprovada; afora mais de quinhentos infelizes victimas de toxicos, engolidos por alimentos!

Asylo de alienados.

O dia de hoje é e será sempre um dia solemne para este povo que sofre, para esta província que espera seu grande futuro.

Em quanto o governo nos abandona com fria e calculada perversidade, a caridade ergue seus ceus bracos de Briareu para accudir a todos os males.

A briga com a fame e a nudez que nos trazem o desespero, os apostolos da caridade com um medo singular as lagrimas da indigencia, e com a outra erguem a grande pedra onde a loucura vai encontrar asilo.

Generosa idéa de um grande coração que hoje descança no tumulo, aquella pedra vae ser tambem o pedestal do monumento onde a geração futura lerá agradecida o nome de Severiano Ribeiro da Cunha, Visconde de Cauhy.

Se passam curtos os dias de uma existencia, perdura a memoria dos benfeiteiros da humanidade.

E' de crer que se hoje vivesse o benemerito cearense, esforçaria-se para que de preferencia fosse logo fundado o asylo de mendicidade. Entretanto, na época de abundância em que elle estudou a chaga de nossa sociedade que precisava de mais urgente amparo—a loucura—desprotegida pelo escarnio de uns, pelo susto de outros, pela indifferença de muitos; sem duvida deveria impressionar mais o seu espirito.

Honra tambem aos cavalheiros que se esforçaram para que a gigantesca obra tivesse agora seu começo; por que vae resultar em um grande beneficio para os infelizes retirantes, a quem o governo nega até a esmola do trabalho com que mantenham a existencia.

Orgam d'essas victimas, o Retirante saúda aos directores da empreza, e curva-se respeitoso perante o tumulo do Visconde de Cauhy!

Senador Pompeu.

No dia 2 do corrente ás 10 horas da manhã o lugubre gemer dos sinos anunciava que ja não existia o senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil.

Espirito culto, dedicado ao estudo das necessidades do paiz, seu ultimo trabalho que a imprensa registrou foi um gemido doloroso de—recordação—sobre ás secas

que periodicamente feriram o coração de sua província.

Levando a vida absorvida em variados trabalhos, que lhe grangearam reputação vantajosa, nunca cessou de medir-lhe o clima, estudar-lhe o solo, pesar-lhe o exaltamento das paixões políticas que por vezes devorou-lhe filhos illustres: dir-se-hia que agora aquella existência preciosa, em seus últimos momentos, suprixeava compaixão á natureza. Lembrando as victimas que as secas já haviam causado a província desde épocas alcançadas pelas fugitivas tradições.

E' que os grandes genios têm consciencia de que, se baixam ao tumulo, continuam a viver na memoria das gerações que sucedem, cuja prosperidade promovem ainda ja proximos ao sepulcro.

Os males presentes o affligiam profundamente; e como que sua vida agonisou ao lado das agoniás da província.

O senador Pompeu começando pobre, á força de estudo e trabalho, da banca de escriptorio de um jornal, conseguiu tornar-se um vulto notável para a historia do paiz.

Lamentando a grande perda, na hora em que sua voz autorizada mais necessaria ergueu-se em prol de seus compatriotas açoitados pela desgraça; em que sua pena vigorosa deu a frente da imprensa prestar-nos serviços valiosos, já guiando as massas, já indicando os meios praticos de salvação: resta-nos verter uma lagrima sobre o seu tumulo, e resignar-nos aos decretos da Providencia.

A sua Exm.^a familia nossos sentidos pésames.

A circular do major Capote.

Esse nosso conterraneo acaba de mandar publicar em alguns jornaes d'esta capital uma circular prevenindo ás suas infelizes patrícios que—não tomem o trabalho de dirigir-lhe cartas pedindo esmolas, por que não as responderá—sua vasta actividade em elaboração, cuidando no bem geral da província, não desce a enchergar as lagrimas de uma triste viuva, de uma pobre orphã, suas parentas talvez!

E' o simili mais completo da fabula da rã, enchendo-se de fatuidade até estourar, para igualhar a grandeza do boi!

De quixotadas estamos fartos: as trovoadas patrióticas de S. S. tambem nos iludiam a principio, sem recordar-nos de

MUTILADO

parte da montanha, que Bocage resolveu no seguinte conceito:

« Quem promete grandes cousas, cousas bellas
“O que produz? Bagatellas! »

Com efeito o problema de salvagão do Sr. major Capote está difícil de resolver, a não ser com as cascas das bananas e das laranjas da sua mesa.

Prometiam-nos um celeiro, especulação que teve por fim arredar a concorrência de viveres ao mercado; e depois pôe-nos à ração, acompanhando a alta do preço que apraz aos especuladores importadores. E a não ser a generosidade do Sr. João Macke e outros negociantes, que opuseram barreira aos traficantes da miseria pública, sabe Deus quanto custava hoje aqui um litro de farinha ! ...

O Sr. major declarou-nos ha pouco no Ceará, que não estava disposto a perder um real... : em princípio dizia nos jornais que pouco lhe importava — perder dezenas de contos !

Quem não o conhecer que o compre: quanto á nós já sabemos que sob a capa — de patriotismo seu — oculta-se uma — com-MANDITA COTEGIPANA !

E tem o disponte de importar-nos em tom — que — brando se falharmos de seus correspondentes.

Quer amordaçar a imprensa, S. S. que si tem convertido o trato d'ella, contra caracteres que o temem tanto, quanto nós ao seu crusamento de braços !

Sabemos prestar homenagens aos caracteres sinceros que nos estendem a mão; mas sabemos também tirar a máscara aos impostores !

O insulto do Sr. Capote atirado ás infelizes victimas da fome, na hora em que lhe estendiam a mão, recordando talvez doces laços da infancia e de família, docu-nos profundamente !

Infelizes ! curti o insulto: essa roda de nosso infortunio ha de ter um cravo onde para: — é na misericordia de Deus, que ainda não consentiu que fugisse de todo a caridade do coração dos homens.

NOTICIARIO.

Fallecimento. — Vítima de uma apoplexia faleceu n'esta capital, no dia 5 do corrente, o nosso impressor Raymundo Eufrasio Uchôa.

Vindo para o trabalho ás 6 horas da manhã desse dia, foi, ao penetrar á porta de nossa officina, acometido do terrível mal, que o fez baixar á sepultura.

O Sr. Br. José Lourenço, a quem somos gratos, acudiu imediatamente ao nosso chamado para prestar-lhe os socorros de sua sciença; mas, infelizmente, quando chegou já o nosso desventurado impressor era cadáver !

A sua perda é assás sensivel para nós, pois, jamais encontraremos um homem como elle tão caprichoso e assíduo em seu trabalho.

O finado era solteiro e contava apenas 28 annos.

Hoje, terceiro dia de seu passamento,

mandam os operarios d'esta typography celebrar uma missa por su'alma, na capela do palacio episcopal.

Pranteando sua falta, fazemos votos ao Altissimo por seu eterno repouso.

Classe caixeiral. — Vão sendo coroados de bom exito os esforços com que a briosa classe caixeira d'esta província, representada por uma commissão dos seus mais distintos membros, se lançou n'esta cruzada de caridade, em que todas as classes à porfia procuram enobrecer-se.

Uma commissão de caixeiros organizada no Pará, por iniciativa da d'aqui, abriu subscrições em varios pontos d'aquelle capital e promove a realização d'un espetáculo em favor das victimas da secca da nossa província.

No Rio de Janeiro outra commissão caixeira, nomeada tambem pela d'aqui, remete pela galera portugueza Adamastor, que acaba de chegar, um lardo com fazendas e tem em via de realizar-se um espetáculo no theatro Gymnasio.

Em nome d'aqueles, em favor de quem lucta a dor, a morte, a voz, consignamos aqui a nossa gratidão a esses filhos do trabalho, que assim põem em relevo a sua dedicação pela sorte dos amigos, previdendo d'estarte a galharia da futura classe commercial de nosso paiz.

Digno de louvor. — O Sr. Manoel Francisco da Silva Albano, que não pequenos serviços tem prestado na quadra actual, acaba de dar mais uma prova de sua generosidade.

Foi assim que elle, condeando-se da sorte dos infelizes retirantes, que por ahi viviam sem abrigo, mandou á expensas sua construir 14 casinhas cobertas de telha em terreno seu, para n'ellas serem recolhidas algumas famílias d'esses infelizes, assim como abrir um pocinho d'água para se provearem.

Em nome d'esses infelizes testemunhamos ao Sr. Manoel Albano nossa profunda gratidão pela accão nobre e humanitária que vem de praticar.

Asylo de alienados. — Hoje, ás 5 horas da tarde, será lançada em Arronches, com as formalidades do estylo, a primeira pedra d'este edifício.

Vão, emfim, ser realizados os esforços do venerando Visconde de Cauhype.

Oxalá não fique sómente em assentamento de pedra.

Febre amarela. — Durante o mes de Agosto proximo findo elevar-se a 40 o numero das victimas da febre amarela, e do periodo de 1 a 5 do corrente já atinge a 10 !

O Sr. Estellita, de braços crusado, olha impavido o esquife que passa, conduzido pelos dois medonhos flagelos — a fome e a peste !

Desgraçada situação !

Discurso. — Damos hoje publicidade, na seção competente, ao discurso do distinto deputado por S. Paulo, Martin Francisco, a respeito da interpellação que fez ao ministro do Imperio sobre os socorros ás victimas da secca do norte.

Depois de ter o ministro respondido, S. Ex. ocupou de novo a tribuna, proferin-

do o discurso que publicaremos no seguiente numero.

Chamamos para elles a atenção dos leitores.

Victimas da fome. — O Ceará de 2 e 5 do corrente dá as seguintes notícias : — « Be S. Matheus escravem affirmando que no Riacho de Felippe, d'aquelle termo succumbiram á fome 3 pessoas, as quais foram, quasi nuas, sepultadas á margem do caminho; e attento o estado lastimável em que se acha aquella villa, em breve se contará por dezenas as victimas da fome ! »

— « Uma carta do Limoeiro, datada de 25 do passado d'aqui dolorosa noticia :

« A secca vai produzindo seus cruéis effeitos. Já succumbiram 2 pessoas de fome, uma no corrego d'Areia e outra no Saco do Bocó. O povo acha-se n'um estado afflictivo: não ha mais olho de carnahuba que era o recurso dos infelizes.

Os generos que foram remetidos pelo presidente já se acabaram.

A villa regorgita de povo que chega diariamente de diversos pontos.

Si o governo não acudir nos já e já morrerá muita gente de fome. »

— « Be Lavras nos communica o nosso amigo Manoel Carlos de Moraes, collector geral d'aquelle município, que ali já succumbiram á fome 10 pessoas ! Este facto é confirmado pelo vigário da freguezia Rvd. Niceno Clodualdo Linhares e pela commissão de soccorros, em officio a presidencia. E' horroroso isto ! »

Campo Grande. — De uma carta escripta d'ali em 22 do passado extraímos o seguinte trecho:

« Hontem vim de S. Benedicto e S. Pedro, onde o estado da população emigrante constrangeu-me muito, mórteme depois que o vigário, padre João Rodrigues Alves de Mendonça, informou que uma criança, cuja familia emigrara do Tamboril, morreu á fome ! Si ha lugar que mais merecesse a séria atençao do governo para onde ha affluído uma populacão enorme de emigrantes é por certo a Ibiapaba, em S. Benedicto e S. Pedro. »

Tucunduba. — O subdelegado de polícia d'essa localidade, Antonio Joaquim Pereira, acaba de dirigir-nos a seguinte carta:

« Illm. Sr. redactor do periodico Retirante. — Constando-me que em seu acreditado periodico de 19 do corrente sahira um anuncio dizendo que os mitrados tenente-coronal Tito Nunes de Melo e o subdelegado de polícia da Tucunduba tinham contrabido uma sociedade em commandita, e que tendo aquelle recebido 200\$000 em dinheiro e o subdelegado 100\$000 para serem distribuidos em esmolas na referida localidade, que ficaram-se com o dinheiro e alem d'isto com os viveres remetidos, e que com elles estavam pagando a seus trabalhadores etc. Sendo eu o subdelegado nato de dita povoaçao e não tendo V. S. declarado o nome do subdelegado que recebeu o dinheiro e viveres, e constando-me que o Exm. Sr. Barão de Ibiapaba e outros amigos meus perguntaram a algumas pessoas da Tucunduba como era que eu praticara

o que o periodico *Retirante* publicara, rogo-lhe o favor de declarar pelo mesmo periodico o nome do subdelegado; pois há mezes estou doente dos olhos e passei o exercício ao 1.^o substituto que é o Sr. Francisco Pereira da Costa, morador no Corrente,—e foi este Sr. quem recebeu os em mil reis.

«Contando ser servido, desde já dou-lhe os agradecimentos.—De V. S.—Amigo atencioso, venerador e criado—*Antonio Joaquim Pereira*.—Setembro. 28 de 1877.»

Com quanto não fosse bem informado o Sr. Pereira a respeito do que dissemos, temos com todo satisfeito o seu pedido publicando sua carta, por cuja ousadia lhe pedimos desculpa.

Convém, porém, declarar que, quando fomos sabedores d'aquela *cotigipina*, não nos declinaram o nome do subdelegado; só agora o sabemos com a declaração que faz S. S., a qual veio confirmar a realidade da commandita dos dois mitrados.

Mecejana.—D'ali nos comunicam o seguinte:

«Aqui em Mecejana estão os pobres retirantes entregues a João Luiz de Mattos, nome que exprime tudo quanto é baixo e vil n'este mundo. Basta lembrar o que se passou com o negocio do capitão João Leonel, e a denuncia que contra elle existe no cartorio do escrivão Severo dada pelo coronel Paiva. Além d'issso, é voz geral, foi elle o escrivão do livro falso da falsa eleição—Ibiapaba & Prax-drs.

E é a um sujeito d'esta ordem que se confia dinheiro, gêneros e direcção do serviço público!

Oh! senhores—ao menos guardem as apparencias!

O Sr. Estellita deve ter cuidado com a comissão de Mecejana, mórmente com o espertalhão João Luiz: com este toda cautela é pouca.»

Galera «Adamastor».—Hontem a tarde chegou a nosso porto a galera portugueza Adamastor, fretada pelo major Capote.

ASSEMBLÉA GERAL.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1877.

INTERPELLAÇÃO AO SR. MINISTRO DO IMPÉRIO.

Entra em discussão a interpellação do Sr. Martim Francisco dirigida ao Sr. ministro do Império sobre socorros às victimas da secca do norte.

O Sr. Martim Francisco:—Sr. presidente, V. Exc. comprehende a posição desvantajosa em que me acho colocado, tendo de falar após a votação da lei do orçamento, acompanhada de tantos episódios interessantes e inesperados. A apresentação de uma medida importante, tal qual a resolução prorrogativa do orçamento de um para outro exercício, a votação notável que acaba de ter lugar, condenando o procedimento do gabinete 7 de Março, quando animou diversos sacerdotes a resistência às ordens dos bispos, domina por tal forma a atenção pública, e especialmente a da camara dos Srs. deputados, que me abstivera

de insistir na matéria da interpellação se não me parecesse urgente dirigir ao governo do meu paiz algumas perguntas sobre as medidas tomadas para remediar o flagelo da secca nas províncias do norte.

As notícias que de contínuo nos chegam das províncias do norte são a pintura de quadros desoladores, de males que se acumulam, e que para serem remediados precisam a intervenção energica por parte do governo do paiz.

Entretanto, quando os jornaes nos apresentam os sombrios quadros da miseria, e a infância estrechando à mingua nas agonias da fame; quando vemos descripto o facto contristador do infante que sente estancar-se no seio materno o leite de quessa alimenta; quando vemos morrer quatro crianças do terrível sofrimento da fome, parece-me que as medidas que até agora o governo tem trazido ao conhecimento do paiz não são bastante energicas para debellar o flagelo que devasta as províncias do norte do Império, consequencia da secca, que estanca as fôntes da produção.

Até ao presente, Sr. presidente, pelas exposições feitas pelo Sr. ministro do Império, vemos que a intervenção do governo tem-se reduzido a enviar alguns víveres às províncias flageladas.

O meio empregado, Sr. presidente, é manifestamente incompleto, deficiente; não é possível, por maior que seja a solicitude do governo na remessa de víveres, remediar a fome de cem ou duzentas mil pessoas.

A emigração dos lugares devastados pelo flagelo da secca para aquelles que têm ainda alguns recursos é immensa; toda a imprensa o diz, os proprios jornaes pertencentes à causa do governo o revelam dia por dia. N'isso vê-se que o meio empregado por este é manifestamente insuficiente; entretanto parece que diversos outros meios se antolhavam ao governo, de que ele devia lançar mão para remediar os males extraordinarios da secca.

Examinemos, Sr. presidente, esses diversos meios para remediar de momento este flagelo. Parece que o governo devia multiplicar os depósitos de víveres nos diversos pontos das províncias flageladas; entretanto nada tenho visto a respeito: se alguns depósitos existem, serão sem dúvida insuficientes, porque não só o governo deveria lançar mão d'este meio, como, se o empregou, devia publicá-lo, para que os necessitados pudessem correr aos pontos onde existissem esses depósitos.

Depois, senhores, entre a esmola, que pode produzir o hábito da preguiça e da inércia, e o socorro dado ao trabalhador, há uma diferença immensa; parre que o governo devia estabelecer trabalhos públicos nas províncias flageladas, e para estes trabalhos chamar as victimas da secca; assim, ao passo que lhes concedia os meios indispensaveis para a subsistência, conservava-lhes o hábito do trabalho e obtinha para estas províncias alguns melhoramentos, e esses trabalhos podiam ser conducentes a impedir que se reproduzisse o mesmo flagelo.

Assim a abertura de açudes para reservatório de águas, aproveitando as descobertas modernas das nações mais adiantadas, não seria impossível que da mesma maneira que a Inglaterra na campanha da Abyssinia conseguisse abrir fontes repentina, se pudesse em alguns dos pontos flagelados conseguir o mesmo.

A abertura de canais, o auxilio prestado às vias ferreas ou às outras estradas ordinárias, aplicando as forças das populações flageladas a esses trabalhos, seria um meio sem dúvida de alta conveniencia, que ao passo que remediaria o flagelo da secca ou pelo menos o attenuava, e impediria para o futuro, introduziam n'aquellas províncias melhoramentos notaveis em seu sistema de viação e em relação a outros trabalhos públicos.

Afinal, senhores, quando não fosse possível com estes meios destruir os efeitos do flagelo da secca, impedir os seus males, outro meio existe de que o governo deveria lançar mão e o poderia fazer com efficacia: é a emigração das populações das províncias flageladas para as

outras províncias proximas e que ali não encontram recurso, o transporte d'essas populações para as províncias mais proximas do norte onde houver trabalho a dar-lhes e mesmo para as do sul, onde o governo tem colônias que prosperam e onde em colônias particulares encontrariam facilidade para a recepção dos nossos patrícios, victimas do flagelo da secca. (Applausos.)

Sr. presidente, se o governo do paiz gasta grossas sommas para facilitar a emigração estrangeira, para proteger a colonização, com maior razão, proveito e vantagem para o paiz, pode empregar seus esforços e o dinheiro dos cofres públicos na colonização nacional, sem dúvida muito preferivel à colonização estrangeira (Applausos).

E dever do governo não deixar morrer à mingua estas populações, flagelladas pela secca e pela fome, aproveitar-sa para o trabalho agricola, a que a maxima parte d'elles está acostumada, tendo ainda sob este ponto de vista decisiva preferencia sobre a colonização estrangeira. A nossa população, acostumada ao processo agricola admittido entre nós, pôde com seus braços auxiliar efficazmente os senhores de situações rurais. Meios são estes que o governo pode empregar com efficacia, e eu por minha parte desejo manifestar n'esta occasião que nós representantes das províncias do sul somos indiferentes aos horrores, às torturas e as afflições por que passam nossos irmãos do norte. (Muitos aplausos.) No interesse de debellar o flagelo que os persegue, estou pronto a concorrer com a minha apocuada inteligencia, expondo os meios de debellar a calamidade que tortura as populações de diversas províncias do Império.

Meus reparos aos actos do governo referem-se no facto censurável de serem incompletos e deficientes os meios empregados até hoje. Não nego que se tenha feito alguma cosa; mas entendo que é preciso fazer muito mais, que é preciso multiplicar os recursos para debellar o flagelo. Cumple redobrar de energia e solicitude para que as numerosas populações ameaçadas de uma morte tormentosa sejam conservadas ao trabalho, à família e à pátria. (Muito bem; muito bem.)

TRANSCRIÇÃO.

A SITUAÇÃO DO BRAZIL.

Em vão se olha para todas as partes.

Não ha uma só esperança, uma luz que brilhe no meio da tormenta.

A receita diminui, os impostos augmentam, o braço escravo vai desaparecendo, as apólices prometidas pela lei do ventre livre não tardam a ser reclamadas, as crianças que vão ser entregues ao governo são novos gastos para o tesouro, a maior correnteza da colonização, que é a portuguesa, quer mudar de ramo e seguir para África, a secca do norte do Império lança sobre os nossos braços mais de quinhentos mil brasileiros, reduzidos à miseria.

E' preciso que eu me demore sobre este ultimo ponto.

Como pretende o governo socorrer as victimas da secca?

Trata-se dos brasileiros, e por mais criticos que sejam as circumstâncias do tesouro, não ha remedio senão ir em auxilio d'esses infelizes.

Não sei se o governo já tem reflectido sobre a grandeza do sacrifício que é necessário fazer, e sobre as consequencias da falta de um socorro prompto e efficaz; mas o que sei é que o governo recua diante da

I L E G I V E L

difficultade, porque já o confessou no sê-
nado.

O ministro de estrangeiros disse na ses-
são de 7 do corrente, que o governo tem fei-
to quanto estava nas suas faculdades para
prestar os *lenitivos possíveis e compatíveis*
com os recursos ao alcance da administração.

Estas palavras são a sentença de morte
de milhares de brasileiros.

Um ligeiro cálculo mostrará a grandeza
do sacrifício que se deve fazer.

Admita-se que as vítimas que fica-
ram reduzidas a mais extrema miséria são
300,000.

É preciso sustentá-los, dando-lhes ali-
mento, roupa e tudo quanto é necessário à
vida. Calculando-se a despesa mínima por
pessoa em 500 réis diários, teremos...
2,700,000:000 contos de réis por mês.

Quanto tempo deverão durar estas des-
pesas?

Se esses brasileiros ficarem nas respec-
tivas províncias, e se a secca cessar já, creio
que será necessário sustentá-los durante
seis meses pelo menos, que é o tempo em
que elles poderão colher os primeiros fruc-
tos das novas plantações. Isto custará...
16,200,000:000 contos de réis.

É muito para o governo actual, gover-
no da prodigalidade, mas não é nada para
o Brazil, que estende as mãos como um
suplicante para pedir a conservação da
vida dos seus filhos.

Poderá o sacrifício ser menor? Poder-
se-ha empregar na estrada de ferro do Ceará
todas as vítimas da secca d'essa proví-
ncia? Não, sómente um pequeno número é
que poderá ser empregado em uma obra
que não está preparada para receber esse
acressimo de serviço. Mas esta mesma me-
dida não pôde ser senão temporária.

Ainda ha o recurso da emigração, esses
infelizes podem ir para a Bahia e Pernam-
buco, fornecendo-lhes o governo passagem
grátis e alimento durante a passagem. Mas
ainda quanto importará essa despesa, e o que
irão fazer 300,000 pessoas em Pernambuco
e na Bahia, que também sofreram com a
secca?

São 300,000 pobres que são atirados
nus e famintos sobre duas províncias. É
possível haver trabalho para tanta gente?
Qual será a sua sorte, e quais os resultados
d'esta medida para a ordem pública?

A questão do trabalho é ainda uma
questão económica muito delicada n'esta
crise da secca, e que pede muita reflexão.

A lavoura é que foi principalmente af-
fectada, e não se pôde impunemente tirar
milhares de lavradores da lavoura, para
empregá-los em trabalhos de outra nature-
za. A carestia dos cereais aí vem, e a sede
segue-se-ha a fome.

É impossível prevenir a carestia dos
cereais no norte e portanto também no sul,
porque o norte ha de arrastar o sul, mas é
possível prevenir a continuación da carestia,
ou diminuir os seus efeitos, socorrendo o
governo efficazmente a todas as vítimas da
secca, animando-as a que se conservem
nas suas províncias, e que voltem á seu
lares, quando vierem as chuvas.

Não será difícil convencê-las porque o
seu coração está nos seus lares.

E' ainda necessário mandar fazer desde
já as obras convenientes para que se não
repitam mais estas catastrophes, e se fôr
absolutamente impossível o remedio, então
sim, abando-ne-se definitivamente o inter-
ior do Ceará, Rio Grande do Norte e Para-
hyba.

Eu não creio que seja necessário con-
demnar ao abandono o interior d'essas pro-
víncias, e entregar ás feras o que hoje per-
tence aos homens, não, o que é preciso é
que as províncias tenham autonomia e pre-
sidentes dignos d'ellas, o que não ha de
suceder em quanto suporlarmos o gover-
no corrupto da monarquia.

Ha muitos annos que se discute esta
materia na imprensa, ella tem sido levada
algumas vezes ao parlamento, mas a im-
previdencia e a lucta em que vivem os dois
partidos da monarquia para alcançarem o
poder não lhes dá tempo de pensarem seria-
mente nos interesses mais vitais do Brazil.

Agora mesmo, o que fazem elles, senão
empurrar-se um ao outro, em quanto o
norte se debate nas ancas da sede.

O parlamento votou — 2.000:000:000
contos de réis como teria votado 200:000
réis, sem estudo e reflexão. Elle deu uma
autorização ao governo e ficou satisfeita.

As questões economicas que se prendem
a esta grande catastrophe, a sorte de mi-
lhares de brasileiros, está nas mãos do go-
verno, que não tem senão a coragem de
prestar os *lenitivos possíveis e compatíveis*
com os recursos ao alcance da administração.

Não respondo pela exactidão dos alga-
rismos que tomei, porque elles foram tira-
dos da leitura dos jornais.

Mas ainda que a despesa exceda o du-
plo ou triplo do meu cálculo, nem por isso
ella deverá deixar de ser feita.

Ministros, o Brazil não chora o pão que
dá para sustentar seus filhos contra a sede,
a fome e a peste.

O que elle chora e com lágrimas de san-
gue, são os desperdícios do governo.

Se sobreviesse uma guerra haviam de
se inventar recursos para salvar a honra da
patria, pois bem, ahi tendes a guerra da
sede e da fome, que é peior do que a luta
com o estrangeiro.

Ministros, aprendei com o povo flumi-
nense a cumprir com o vosso dever, vede-
como esse povo dá dinheiro para socorrer
a seus irmãos do norte, elle que está sobre-
carregado de impostos, e que mal vê o
fructo do seu trabalho, porque esse fructo
é levado pelos agentes do fisco.

Deus que vê estes sacrifícios ha de des-
viar a secca do Rio de Janeiro.

A secca do norte foi o primeiro aviso ao
sul.

A falta de inverno no sul, foi um se-
gundo aviso.

Mas a Providencia Divina supre mu-
itas vezes a imprevidencia dos governos.

Rio, 21 de Agosto de 1877.

P. A. FERREIRA VIANA.

(Da Republica.)

A PEDIDO.

**Ao Exm. Sr. presidente da pro-
víncia.**

A pobre e desventurada povoação de
Soures está passando por uma crise assas-
tadora com os tristes flagelos da secca!

De dia para dia cresce a onda dos infel-
izes retirantes que para aqui affluem, sem
abrigos algum, a não ser o leito da estrada.

Nós, habitantes d'esta infeliz terra, es-
tamos morrendo a fome, porque os poucos
recursos de que dispunhamos estão com-
pletamente esgotados, e não temos esperan-
ça de melhora. Até o trabalho, unica taboa
de salvação, aqui não existe!

Consta-nos que os Srs. capitães Fran-
cisco José de Oliveira e Vicente Ferreira
Façanha teem por diversas vezes se dirigi-
do a S. Exc. reclamando socorros para es-
ta população, e a unica resposta que teem
obtido é — que Soures não precisa de soc-
corros!

Porque razão? Estaremos por acaso es-
commungados?

Será porque veio em Maio 300:000, ou
porque existe um mangue perto d'aqui?

Cremos que por nenhum d'estes moti-
vos estamos isentos dos cuidados do gover-
no, uma vez que também somos brasileiros
e como tal temos direito de exigir o que
nós é garantido pela constituição do Impe-
ri.

Esse mangue, de que tanto fala S. Exc.
não é suficiente para nosso sustento.

Parece-nos que, em vez de termos um
homem que nos represente e se compadeça
de nossa desgraçada sorte, temos apenas
algozes que insinuam S. Exc. à dizer que
não precisamos de socorros.

Tristes e afflictivas são as condições
em que nos achamos, e a não sermos de
prompto socorridos, teremos de succum-
bir a fome, o que é mais provável, visto
estarmos esquecidos e abandonados pelo
governo!

Os capitães Oliveira e Façanha dizem
que já não pedirão socorros para aqui,
uma vez que estes já lhes foram negados.

Avista d'isto, viemos hoje pela impren-
sa reclamar o que por lei nos pertence: não
queremos a esmola que avulta; queremos
sim o trabalho nobre e honroso, para com
o produto d'ele mantermos nossa subsis-
tência.

Ahi está já principiada a estrada d'esta
povoação para a capital, onde poderá ser
empregado grande numero de vítimas.

Esperamos, portanto, que S. Exc. con-
doendo-se de nossa desventurada sorte, at-
tenderá estas justas reclamações, privando-
se assim de ver-nos á frente de seu sum-
ptuoso palacio pedindo-lhes pelo amor de
Deus uma esmola para saciar nossa fome.

Soures, 6 de Setembro de 1877.

Algumas victimas.

CEARÁ—1877—TYPOGRAPHIA IMPARCIAL—IMPRES-
SOR, SUISTERO PADILHA.

ILEGIVEL